

Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Artes – Midialogia
Disciplina: CS106 – Métodos e Técnicas de Pesquisa e Desenv. de Produtos em
Midialogia

Discente: Raffaella Pezzuol Pellini **RA:** 186252

Docente: José Armando Valente

Virtual vernissage – O crítico de arte na era digital

Introdução

A crítica de arte pode ser interpretada como a literatura avaliadora da arte, no entanto não há consenso em sua definição formal (ELKINS, 1996). Muito de sua indescritibilidade se dá por sua afinidade com a história da arte; ressalta-se, então, a função julgadora de uma e o cunho descritivo de outra. Entretanto, nenhum texto da história da arte pode ser considerado imparcial (FRIED, 1990), logo o argumento é vazio. Se a crítica de arte é história ou se a história é a crítica é um debate subjetivo como a arte em si; independente das interpretações, a quintessência da crítica de arte é analisar e julgar as produções artísticas.

Embora seja da natureza humana uma incessante avaliação crítica do mundo ao seu redor, a crítica de arte somente foi institucionalizada no século XVIII em salões literários e artísticos (ELKINS, 1996). Não é uma surpresa esse nascimento acompanhar o do quarto poder, a mídia (refinada, ao momento histórico, à mídia impressa); com a facilidade de disseminação de opiniões e fatos, a arte se viu vítima de um julgamento público e publicado em que o crítico era juiz, júri e carrasco. Com tais publicações, a profissão do crítico de arte foi consolidada e a rixa entre crítico e artista, acirrada. Afinal, críticas negativas são danosas financeira e emocionalmente ao criador de arte.

No entanto, a crítica de arte não é intrinsecamente vil, sendo útil ao crescimento do artista ao considerar uma opinião externa de sua obra. Apenas o criador sabe, no mundo das ideias, a aparência de sua arte. A incompatibilidade artística entre o imaginário e o real pode gerar uma frustração paralisante e infrutífera; o crítico, ciente apenas da versão do produto do mundo sensível, descreve o real impacto da obra e possibilita ao artista a crescer por modos mais práticos e tangíveis. Sobre o ofício do crítico, o escritor Oscar Wilde argumenta:

The critic will certainly be an interpreter, but he will not treat art as a riddling sphinx, whose shallow secret may be guessed and revealed by one whose feet are wounded and who knows not his name. Rather, he will look upon art as a goddess whose mystery it is his province to intensify, and whose majesty his privilege to make more marvelous in the eyes of men. (WILDE (1891), 2007, p. 6)

Portanto, a legitimidade da prática não é questionada; ela é útil para o engrandecimento e entendimento pleno das obras de arte. A arte é bem-sucedida quando é catártica e o impulso crítico não é nada mais do que a transcrição dessa purgação da alma. Até mesmo a mais negativa das críticas — se for embasada e não maldosa, é claro — é construtiva no âmbito artístico. Em tempos de arte mais mercadológica, todavia, é um construtivismo indesejado por prejudicar vendas.

A indústria cultural — ou seja, a arte dentro da mecânica capitalista —, aliás, influenciou em muito o campo da crítica. A produção em massa desmistificou tanto a arte quanto a literatura sobre ela; obras-primas podem ser visualizadas a qualquer momento, de qualquer lugar, pela internet. Não há mais necessidade de uma descrição detalhada da obra analisada; assim, a crítica de arte vive um período definido como “pós-descritivo” pelo crítico Bem Davis (2015) na conferência *Superscript*. A atualidade da profissão também sofre um período “pós-dissertativo”, por usar outros modelos de texto que não sejam a dissertação clássica:

It's not only the language and format of criticism that's changing. Its length has also been challenged lately: those 15-second attention spans have led to 140 characters exhibition reviews on Twitter, critic podcasts, and digital media platform DIS magazine's photo essays and #artselfie, which provide an ambiguous critique of contemporary visual culture. These abbreviated and even visual forms of criticism reimagine what criticism can be in the context of the internet. They're not necessarily reductive because they're short. They can provoke just as much thought, in a more concise way, an attempt bridging the gap between experience art and communicating about it. (JANSEN, 2015, p.1)

Sem dúvidas, as mudanças no mercado e cultura acarretaram metamorfoses na arte e em sua recepção. Um texto agora deve sugerir ao leitor se o produto é ou não merecedor de ser consumido, pois o público não quer perder tempo ou dinheiro. O exercício do crítico deixou o campo das belas artes para ser um guia de compras, porque a arte é tratada como produto.

Contudo, a crítica de arte possui uma herança histórica de nicho e o orgulho de sê-lo. A gênese da prática foi em seio aristocrático e, por conseguinte, elitista. A arte em si já tem um problema em reconhecer produções mais populares e democráticas; não é de se estranhar que uma instituição baseada no julgamento seria ainda mais hesitante em abraçar novas vozes e plataformas. As novas mídias proporcionam a democratização do conteúdo e da opinião, consequentemente vê-se aí um embate claro entre o ofício e sua digitalização. O crítico não quer adotar o digital — e o que adota, é criticado por seus colegas (JANSEN, 2015) -, nem deseja que o grande público faça seu trabalho.

One of the axioms of Internet culture is that we are all critics now, constantly rating, parsing, debating and shouting opinions into the ether. In this world, professional and amateur criticism are often considered to be at odds with each other. Blogs, Twitter, Amazon and GoodReads users on one side; newspaper and magazine critics - the old guard - on the other. Like World War I infantry, they hunker down in their trenches, each wearing what they claim is the uniform of true critical authority. (SILVERMAN, 2012, p.1)

Considerações feitas, a transmutação de tal campo pode ser percebida pela comparação das novas e velhas análises de arte, ato mais expressivo do que qualquer teorização. Pablo Picasso disse que a pintura fala por si (SINGH, 2007); a crítica também. Uma oposição entre resenhas pré-internet e pós-internet de uma mesma obra demonstra as quebras de paradigmas da área ocorridas na era digital; este projeto de pesquisa almeja investigar o novo panorama da crítica de arte após o advento *online*, e fará isto através de interpretações do filme *A Doce Vida* (1960), de Federico Fellini.

A escolha do filme se deu pela sua qualidade técnica e sua legitimidade como obra clássica da sétima arte, tendo assim um acervo vasto de críticas e resenhas. A sua localização na linha temporal também foi considerada, pois há a necessidade de visitar uma obra em que suas críticas iniciais fossem de uma época sem a existência da internet. A data

limite considerada foi 29 de outubro de 1969, período em que se enviou o primeiro e-mail (ZAMITH, 2009).

Portanto, o que houve com o campo após sua democratização tecnológica? A recepção mudou? E sua validade e validade? O que impulsiona a vontade de criticar e reconhecer críticas? Se a crítica não é monetizada nem munida de anos de conhecimento teórico, ela é inferior, ou até mesmo inválida?

Objetivos

Geral

Avaliar as mudanças causadas no campo de crítica de arte com o aparecimento de novas tecnologias e a consequente popularização da área, a recepção do público e do artista perante a “nova crítica de arte” e o embate entre tradicional e novato.

Específicos

- a) Pesquisar referências sobre o tema;
- b) Assistir ao filme “*A Doce Vida*”, de Federico Fellini;
- c) Comparar e analisar críticas históricas e contemporâneas do filme;
- d) Elaborar do artigo;
- e) Entregar o artigo;
- f) Apresentar o artigo.

Metodologia

A pesquisa realizada será de cunho descritivo e documental, expondo visões já consolidadas sobre o tema, além de explorar novas perspectivas.

a) Pesquisar referências sobre o tema;

Através da pesquisa, haverá tomada de conhecimento do que já se sabe e se pensa sobre o assunto em questão e o consequente uso deste conhecimento para novas conclusões.

b) Assistir ao filme “*A Doce Vida*”, de Federico Fellini;

A fim de ter maior embasamento durante a análise das críticas, é necessário consumir a obra em questão para entender as ressalvas e elogios feitos a ela.

c) Comparar e analisar críticas históricas e contemporâneas ao filme;

A justaposição de críticas sobre o mesmo filme, produzidas em épocas e de modos diferentes, ilustrará a metamorfose do campo após a introdução do advento digital.

d) Elaborar do artigo;

Após o contato com a literatura e análises feitas, será feito um artigo científico tratando sobre o papel do crítico de arte na contemporaneidade digital, considerando aspectos culturais, tecnológicos, teóricos e artísticos envolvidos na prática.

e) Entregar o artigo;

Envio do projeto de pesquisa através da plataforma online Teleduc.

f) Apresentar o artigo.

Apresentação destinada ao docente José Armando Valente e à classe da disciplina CS106 - Métodos e Técnicas de Pesquisa e Desenvolvimento de Produtos em Midialogia, do ano de 2016.

Cronograma

AÇÕES/DIAS	12/04	16/04	20/04	24/04	01/05	02/05
<i>Pesquisar referências sobre o tema</i>						
<i>Assistir ao filme “A Doce Vida”, de Federico Fellini</i>						
<i>Comparar e analisar críticas históricas e contemporâneas do filme</i>						
<i>Elaborar do artigo</i>						
<i>Entregar o artigo</i>						
<i>Apresentar do artigo</i>						

Referências

A DOCE VIDA. Direção: Federico Fellini. Produção: Giuseppe Amato e Angelo Rizzoli. [S. I.]: Riama Film, Pathé Consortium Cinéma, Gray Films, 1960. 174 minutos. Mono, legendado, P&B, 35 mm.

DAVIS, B. *Superscript: Arts Journalism and Criticism in a Digital Age*, 1., 2015, Minneapolis. Disponível em: <http://blogs.walkerart.org/newmedia/files/2015/07/Superscript15-ful-%20transcript.pdf> Acesso em 02/04/2016.

ELKINS, J. *Art Criticism*, 1996. Disponível em https://www.academia.edu/163427/Art_Criticism_dictionary_essay. Acesso em 01/04/2016.

FRIED, M. *Coubet's Realism*. Chicago: University of Chicago Press, 15 de novembro de 1992. 396 p.

JANSEN, C. *The Internet as a Platform for Art Criticism, and Dildos*, 2015. Disponível em <http://www.artslant.com/ny/articles/show/42419>. Acesso em 01/04/2016.

SINGH, M., 2007. *Quote Unquote: A Handbook of Famous Quotations*. Cranbrook: Lotus Books, 30 de outubro de 2007, p. 34.

SILVERMAN, J. *Professional and Amateur Critics Are Not So Far Apart*, 2012. Disponível em: <http://www.nytimes.com/roomfordebate/2012/10/07/do-we-need-professional-critics/professional-and-amateur-critics-are-not-so-far-apart>. Acesso em 03/04/2016.

WILDE, O. (1891). *The Critic as Artist: With Some Remarks Upon the Importance of Doing Nothing and Discussing Everything*. Nova York: Mondial, 2007. 124 p.

ZAMITH, F. *O primeiro e-mail foi escrito há 40 anos*, 2009. Disponível em: <http://www.dn.pt/ciencia/tecnologia/interior/o-primeiro-email-foi-escrito-ha-40-anos-1401633.html>. Acesso em 04/04/2016.